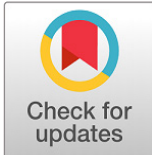


De freira a alferes, da Espanha à América: transformando Antonio de Erauso no português brasileiro contemporâneo¹



Leticia Pilger da Silva

leticiaspilger@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1999-7336>

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.

Suéliton de Oliveira Silva Filho

seul.literato92@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7740-794X>

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.

Resumo

O presente artigo estrutura-se a partir de uma tradução, feita pelos autores deste trabalho, da autobiografia de Antonio de Erauso para o português brasileiro contemporâneo. Escrita no século XVII, mas publicada apenas dois séculos depois, sob o título *Historia de la monja alférez*, a obra traz a história de Antonio de Erauso, nascido Catalina, que, após fugir do convento em que vivia, se veste com roupas masculinas e empreende uma viagem para a América Latina, onde se transforma em soldado da coroa espanhola até ser descoberto seu sexo, quando é deportado para a Europa e consegue uma autorização do papa para continuar com o gênero assumido. Ancorada nas discussões atuais acerca da identidade de gênero e nos estudos da tradução *queer*, a tradução proposta é uma atualização crítica do texto ao reconhecer a personalidade de seu autor como homem trans. Para isso, será feita uma análise das escolhas tradutórias, cotejando a versão utilizada como texto de partida, baseada na edição de Ferrer (1829), com a tradução para o inglês de Stepto e Stepto (1996), com o objetivo de afirmar a identidade de Erauso, em detrimento da feminina consolidada pela crítica. Assim, o estudo se mostra relevante pela resignificação do texto, respeitando seu caráter documental e histórico, e pela discussão das possibilidades de tradução do gênero.

Palavras-chave: viagem, transexualidade, autobiografia, Antonio de Erauso, tradução

¹ Este artigo é produto do projeto de pesquisa “FreirAlferes – Traduzindo Antonio de Erauso”, realizado pelos autores dentro da linha de pesquisa “Alteridade, mobilidade e tradução”, do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

De monja a alférez, de España a América: transformando Antonio de Erauso al portugués brasileño contemporáneo

Resumen

El artículo se estructura a partir de una traducción, realizada por los autores de este trabajo, de la autobiografía de Antonio de Erauso al portugués brasileño contemporáneo. Escrita en el siglo xvii, pero publicada solo dos siglos después, bajo el título *Historia de la monja alférez*, la obra trae la historia de Antonio de Erauso, nacido Catalina, que, tras huir del convento donde vivía, se viste con ropas de hombre y emprende un viaje a Latinoamérica, donde se convierte en soldado de la corona española hasta que su sexo es revelado, cuando es deportado a Europa y obtiene autorización del papa para continuar con la identidad de género asumida. Anclada en las discusiones de hoy sobre la identidad de género y los estudios de la traducción *queer*, la traducción propuesta es una actualización crítica del texto al reconocer la personalidad como hombre trans. Para ello, se hará un análisis de las ediciones de traducción, comparando la versión utilizada como texto de partida, basada en la edición de Ferrer (1829), y la traducción al inglés de Stepto y Stepto (1996), con el fin de afirmar la identidad de Erauso, en detrimento de la femenina consolidada por la crítica. De esta manera, el estudio es relevante por la resignificación del texto, respetando su carácter documental e histórico, y por la discusión de las posibilidades de traducción del género.

Palabras clave: viaje, transexualidad, autobiografía, Antonio de Erauso, traducción

From Nun to Soldier, from Spain to America: Transforming Antonio de Erauso into Contemporary Brazilian Portuguese

Abstract

This paper aims to analyse the translation, by the authors of this work, of Antonio de Erauso's autobiography to contemporary Brazilian Portuguese. Written in the 17th century and first published two centuries after under the title of *Historia de la monja alférez*, the book tells Antonio de Erauso's life, who was born Catalina and ran away with masculine clothes from the convent. He travelled to Latin America, where he became a soldier of the Spanish Empire until his sex was revealed, then he was deported to Europe and received an authorization from the Pope to continue with his assumed gender identity. Considering the discussions from today on gender identity and queer translation studies, our translation is a critical actualization of the text by recognizing the character as a trans man. For this, we will explain our translating choices by means of comparison to Ferrer's edition (1829), and the Stepto's translation (1996) to English, so that Erauso's identity will be affirmed in opposition to the female one that the critique has consolidated. This work, thus, is relevant by the resignification of the text, respecting its documental and historical aspect and discussing the possibilities of gender.

Keywords: travel, transsexuality, autobiography, Antonio de Erauso, translation

De nonne à lieutenant, de l'Espagne à l'Amérique : adapter
Antonio de Erauso en portugais brésilien contemporain

Résumé

Cet article a été rédigé à partir d'une traduction de l'autobiographie d'Antonio de Erauso, écrite au XVII^e siècle et publiée seulement deux siècles après, sous le titre *Historia de la monja alférez* (Histoire de la nonne lieutenant), en portugais brésilien contemporain. L'œuvre raconte l'histoire d'Antonio de Erauso, né Catalina, qui, après s'être enfui du couvent dans lequel il vivait depuis l'âge de quatre ans, décide de s'habiller en homme et entreprend un voyage en Amérique Latine, où il devient soldat de la couronne espagnole jusqu'à ce que son sexe (biologique) soit révélé. Il est alors déporté en Europe et obtient du pape l'autorisation de continuer à vivre sous l'identité de genre adoptée. Au cœur des débats actuels sur l'identité de genre et les "queer studies", la traduction proposée offre un regard nouveau et un œil critique sur le texte, dans la mesure où, non seulement elle reconnaît la personnalité trans de cet homme, mais va jusqu'à voir dans cette œuvre un portrait du processus violent de la colonisation de l'espace et du genre. Dans cet esprit et en dépit de l'identité féminine consolidée par la critique, l'analyse de la traduction justifie le choix de l'affirmation de l'identité d'Erauso, au-delà de l'historicisation de la transsexualité. Ainsi, l'analyse se révèle particulièrement pertinente puisqu'elle rend possible la redéfinition du texte, tout en respectant son caractère documentaire et historique, mais aussi parce qu'elle permet d'échanger sur les différentes possibilités qu'offre la traduction du genre.

Mots-clés : voyage, transidentité, autobiographie, Antonio de Erauso, traduction

1. Introdução, ou o começo da viagem

Escrita por volta de 1626, a obra com que trabalhamos aqui traz a autobiografia de Antonio de Erauso, viajante basco que contribuiu para o processo de colonização espanhola da América Latina. Durante a leitura, descobre-se que, nascido Catalina, no ano de 1592, Antonio foi criado com seus outros irmãos até completar quatro anos, quando foi mandado por sua família para o convento de San Sebastián, de freiras dominicanas, onde permaneceu até 1607. Com 15 anos, prestes a fazer seus votos, Erauso relata que numa determinada oportunidade, com as chaves do convento, fugiu e, a partir desse evento, se escondeu, cortou e costurou as roupas que trajava, transformando-as em peças masculinas e assumindo, com isso, uma nova identidade (Erauso, 1894; 2021).

Sozinho e tateando o mundo, em suas andanças pela Espanha enquanto exercia pequenos ofícios para terceiros, rapidamente descobriu o significado de ser senhor de si. O primeiro nome que assumiu, condizente com sua nova identidade, como relata na autobiografia, foi Francisco Loyola e, ao longo do relato, assume outros nomes masculinos até chegar, muitos anos depois, a Antonio de Erauso. Ainda em 1610, na Espanha, sobe em uma embarcação rumo à América Latina, onde dará início à vida militar (Erauso, 1894; 2021).

Organizado, dois séculos depois, por Joaquín M.^a de Ferrer, o texto foi publicado como livro apenas em 1829, pela Imprenta Julio Didot. Recebeu o título *Historia de la monja alférez, doña Catalina de Erauso, escrita por ella misma*, sendo a autoria atribuída a Catalina de Erauso. Até então sem versão no português brasileiro², a obra foi traduzida coletivamente pelos dois autores deste artigo, no Brasil, e publicada em 2021 pela editora Medusa. Intitulada “*FreirAlferes: transformando Antonio de Erauso*”, é essa edição que

será o foco do presente artigo, no qual analisaremos o processo de formação de Erauso, além de justificarmos nossas escolhas tradutórias.

É válido apontar como a obra foi acessada, na tentativa de recuperar a forma como a crítica vem lendo o livro de memórias desse viajante basco. Em meados de 2018, a autora do artigo, que é também uma das tradutoras da obra, teve contato com o título *No Place for a Lady: Tales of Adventurous Women Travelers*, de Barbara Hodgson (2003), que traz um compilado de histórias de mulheres que conseguiram se deslocar significativamente do lugar onde haviam nascido – quando a prática não era tão comum por diversos motivos que coíbiam a liberdade feminina. Um dos relatos que compõem o estudo de Hodgson é justo o de dona Catalina de Erauso. Impulsionada pela estranheza que a descrição causava – a história de uma freira que vive como soldado –, a então leitora que se transformaria em uma das tradutoras de *FreirAlferes* teve acesso ao texto pelo site do Instituto Miguel de Cervantes. Já na primeira leitura percebeu que era necessário repensar a representação de gênero do livro. Em 2020, após apresentar o texto ao tradutor brasileiro, é que a tradução coletiva iniciou.

É importante afirmar que o processo tradutório desenvolvido figura também como de atualização crítica da obra, que vem sendo estudada de forma prolífica desde os estudos de gênero (Merim, 1999; Velazco, 2000; Rutter-Jensen, 2007; García-Sánchez, 2015; Goldmark, 2015). Isso porque, diferentemente da publicação do século XIX, em língua espanhola, e da realizada ao final do século XX – uma tradução para a língua inglesa, publicada em 1996, pela Beacon Press, sob o título *Lieutenant Nun: Memoir of a Basque Transvestite in the New World*, e realizada por Michele Stepto e Gabriel Stepto –, a feita para o português brasileiro é a primeira, segundo temos notícias, a creditar a autoria a Antonio de Erauso, e não a Catalina, como acontece com as versões das demais línguas. Além das citadas em espanhol e inglês, por meio de pesquisas, chegamos a uma em francês (*Histoire de la*

2 A obra foi traduzida ao português europeu por Editorial Teorema, em 2000, com tradução de Jorge Fallorca. No entanto, não tivemos acesso à edição.

monja-alferes, doña Catalina de Erauso: écrite par elle-Même, et enrichie de notes et documens, de 1830, traduzido por L. V.), outra em italiano (Storia della monaca alfiere scritta da lei medesima, com tradução de Lucrezia Panunzio Cipriani, de 1991), além de um estudo interpretativo em alemão (La Monja Alferes: Die Autobiographie Der Catalina de Erauso in Ihrem Literarischen Und Gesellschaftlichen Kontext, de Cornelia Lotthammer). Há em todas, já no paratexto, referência a Catalina de Erauso como responsável pela escrita.

O objetivo deste estudo, portanto, é analisar comparativamente nossa tradução para o português brasileiro, intitulada *FreirAlferes*, e seu texto de partida, *Historia de la monja alferez*, mas também perscrutar ocorrências da tradução para o inglês – pela relevância da língua em escala internacional e o alcance de público. Considerando que os estudos da tradução *queer* fundamentam nosso projeto tradutório e justificam muitas das nossas escolhas – como a atribuição da autoria a Antonio de Erauso e, com isso, a necessidade de pensar um novo título –, na próxima seção recuperaremos discussões desenvolvidas nesse campo. Na seção de número quatro esmiuçaremos detalhes do nosso projeto, para finalmente, na última, analisarmos passagens nas quais há oscilação de gênero e justificar nossas escolhas tradutórias.

2. Pelos caminhos da tradução *queer*

Considerando que a tradução, como defende Venuti (2008), pode reafirmar ou subverter ideologias, nosso exercício de traduzir a autobiografia de Erauso teve como objetivo, além de disponibilizar o texto em português, ressignificar e destacar a autoria de modo a contribuir para que a comunidade transgênero brasileira construa a história de sua representatividade trans-historicamente. Assim, a partir da tradução como um ato político de afirmação de identidades e autorias marginalizadas (Pinheiro, 2021), dialogamos com os preceitos dos estudos da tradução *queer*, apesar de sermos tradutores cisgênero, pois, conforme Robinson

(2019) – que constrói a primeira parte de seu livro a partir do conceito de “conhecimento-emancipação”, de Boaventura de Sousa Santos, para justificar a necessidade do olhar cis para a tradução *queer* –, pesquisadores e tradutores cis devem pensar a tradução *queer* por diversos motivos, como o fato de inscrever na prática da pesquisa a alteridade, lutar contra a normatização e o epistemicídio e produzir novos regimes de valor, por meio do conhecimento como emancipação e solidariedade.

A aproximação entre os estudos *queer* e os da tradução é recente (Santaemília, 2018); no entanto, no início dos anos 2000, Keith Harvey (2000) foi uma voz solitária na defesa da tradução como forma de subverter representações do gênero e disponibilizar modelos diferentes a minorias durante a leitura. Hoje, com uma discussão maior, temos o aporte de diversas publicações, em livros ou revistas – como o volume no qual este artigo foi publicado. Segundo Mazzei,

Se os Estudos *Queer* problematizam a representação da outridade, os Estudos da Tradução destacam a outridade da representação. Aproximar os Estudos *Queer* e os Estudos da Tradução, portanto, desestabilizaria não apenas os modelos tradicionais da representação, entendida como mimese, reflexão, cópia, mas também as vozes autorais e as subjetividades que eles produzem. (2007, p. 2, tradução nossa).

Conforme Baer (2021), a relação entre as áreas é muito produtiva porque o *queer* problematiza a forma como se traduzem – e se leem – os gêneros e as sexualidades, o que faz com que a tradução *queer* seja, como defende Silva-Reis (2021), “contra-cistema”. A tradução, dentro da Teoria *Queer*, expõe como os sentidos são construídos, também repensa o sistema binário e a forma como o gênero é usado como categoria analítica hierarquizante em diversas culturas.

Assim, a tradução do *queer* é um processo político que envolve “o reconhecimento das margens, exclusões, abjeções e opressões de corpos

alternativos” (Ruvalcaba, 2016, p. 5, tradução nossa), de forma a desafiar os conhecimentos e as práticas corporais. Portanto, estudar a tradução junto dos estudos *queer* é radicalmente destruir noções de poder na linguagem e nas construções cis-heteronormativas. Para Baer,

A tradução como um método para compreender a circulação transnacional de sexualidades *queer* não é restrita a uma leitura crítica de traduções propriamente ditas, mas se estende para o enquadramento dessas traduções para novas leituras em um contexto cultural distinto, para uma língua diferente, e geralmente em um outro período histórico, com atenção especial para a contextualização da escrita da vida *queer*. (2021, p. 11, tradução nossa).

Os estudos *queer* também contribuem para que repensemos as metáforas da tradução e, conseqüentemente, para a própria compreensão do fazer tradutório. Tradicionalmente, como apresenta Chamberlain (2005), a tradução foi vista como feminina, logo inferior, enquanto o suposto original seria superior, como o masculino; a tradução *queer* quebra essa lógica reprodutivista e sexista. A partir da concepção da tradução como o ato de vestir o texto de partida com a roupagem de outra língua, St. Andrés (2010) propõe a tradução como *cross-dressing* (travestimento), considerando que tanto a tradução quanto o travestimento foram vistos historicamente como formas de “esconder” a verdade. Tal leitura se mostra enviesada, a nosso ver, porque a tradução, enquanto atividade criativa, cobre o corpo do texto com um novo texto, uma nova roupagem que agrega sentidos.

A partir dessa nova roupagem, a tradução *queer* pode ser aproximada da ideia de palimpsesto, visto que ela se revela uma leitura que acrescenta camadas ao texto de partida, reescrevendo, atualizando e potencializando-o em diversos níveis, por meio de “relações entre dois ou mais textos, entre textos específicos e discursos prévios e existentes” (Buendía, 1999, p. 196, tradução nossa). Nesse sentido, Bancroft (2020) recupera o conceito de “reparative reading” (leitura

reparadora), desenvolvido por Eve Sedwick, para propor uma tradução que também seja reparadora e analisa a tradução da *Odisseia* e de poemas de Safo por H. D., que alterava os textos de modo a mostrar uma perspectiva alternativa à consolidada, androcêntrica: a presença de mulheres e do *queer*. A alteração do texto grego pela poeta estadunidense, bem como sua prática de realizar comentários junto da prática tradutória, cria um novo texto e faz da tradução uma proposta que atualiza o texto de partida por meio da diferença, formal e subjetiva. A tradução *queer*, portanto, mostra-se uma metodologia para pensar sentidos outros e reimaginar o contexto.

Ao pensar a tradução pela chave da transgeneridade, Emily Rose (2018) defende que a metáfora desconstrói, concomitantemente, o binário entre feminino e masculino e entre original e tradução. Segundo ela, assim como o gênero é fluido e performativo (a partir de Butler, 2002, 2016) e não há um corpo primeiro capaz de trazer um gênero inaugural – não existe uma essência e um corpo único e monolítico –, a tradução não é uma traição como mascaramento do texto, mas parte dele, por não existir um sentido único e verdadeiro (as discussões sobre a morte do autor dos pós-estruturalistas já provam isso. Iser, 1996; Barthes, 2004). Enquanto, historicamente, as pessoas transgênero e a tradução tiveram que se esconder atrás de categorias consideradas superiores, como “gênero igualado ao sexo” e “texto original”, a abordagem *queer* da tradução permite não apenas que as identidades trans sejam reveladas e a tradução seja vista como um processo criativo de um novo texto, mas mostra como o tido “normal” é também um mascaramento. Rose conclui:

Gênero é estável apesar de fluido, dicotômico ainda que múltiplo, conservador mesmo que radical e, por causa dessas contradições, é *queer*. Tradução é tudo isso, e é a justaposição da expressão trans e a tradução que nos ajuda a ver a tradução como fluida, múltipla, radical e *queer*. (2018, p. 22, tradução nossa)

Com isso, a aproximação entre as áreas também contribui para a quebra da invisibilidade do tradutor, porque tradicionalmente foi preconizada a fluência da tradução³, a partir da domesticação do texto de partida (Venuti, 2008). Nesse sentido, é importante recuperarmos o exemplo de Venuti para desmistificar a domesticação que almeja a fluência: a tradução de Robert Graves para *De vitis Caesarum*, de Suetonius, como *The Twelve Caesars*. Na tentativa de deixar mais didático, considerando seu público de estudantes e leitores não especialistas, Graves não apenas elimina trechos que acha irrelevantes, mas traduz passagens com teor *queer* de forma homofóbica, o que mostra que a fluidez não afirma necessariamente a tão buscada fidelidade. Sua suposta invisibilidade, nesse contexto, trabalha a favor da cultura dominante. Dessa forma, ao se romper com a lógica da fluência e da domesticação, a tradução *queer* concede ao tradutor a liberdade de interpretar e criticar o texto no processo tradutório, assim como criar novos sentidos e trabalhar a favor da visibilidade de suas escolhas e do significado político do texto.

3. A viagem do texto de Erauso

A falta de um título é um dos traços particulares do texto de Antonio de Erauso, que se compreende pelo fato de ter sido editado e publicado como livro apenas no século XIX. Outro traço que resulta particular é a inclusão, nos apêndices, da transcrição do memorial de Erauso⁴, dirigido ao rei espanhol com o objetivo de assegurar a pensão pelos serviços militares realizados (Andrès, 2002). A propósito, revela-se uma questão espinhosa: a ausência de um texto primeiro permite que se desconfie da autoria e/ou se leia

a obra como apócrifa; diz-se que supostamente teria sido escrita por uma autoria coletiva a partir dos depoimentos do apêndice (Goldmark, 2015) e há quem considere o relato uma forma pioneira de literatura de testemunho (Merrim, 1999). Segundo a tradutora do inglês, Stepto (1996), o texto foi mantido por um século pela família Urbizu, descendentes do primeiro patrão de Erauso. Então foi copiado, no século XVIII, por Cândido María Trigueros e, posteriormente, por Juan Bautista Muñoz.

No entanto, segundo Rose (2018), existem, hoje, três versões do texto: uma na Academia Real de História de Madrid, com cópia de Bautista Muñoz, e duas na Catedral de Sevilha, com copistas desconhecidos. Erauso de fato existiu e, em 1625, entregou o manuscrito para Bernardino de Guzmán, tendo escrito com suas próprias mãos ou ditado (ou inspirado a escrita). Conforme Mendieta:

É bem provável que haja uma versão original do texto na qual apenas uma voz autoral possa ser ouvida. Em um dado momento o texto começou a ser preenchido com outras vozes que enriqueceram seu valor literário, mas adicionaram elementos que foram removidos do contexto histórico vital de Erauso. (2009, p. 45, tradução nossa).

É importante comentar que a partir do manuscrito de Madrid foram publicadas duas versões distintas. A primeira é *La Historia de la Monja Alférez, doña Catalina de Erauso escrita por ella misma*, editada em 1829 por Joaquín María Ferrer – versão usada como modelo para a edição consultada para a tradução –, que afirmou ter feito sua transcrição a partir de um texto intitulado *Vida y sucesos de la Monja Alférez Doña Catalina de Erauso, doncella natural de San Sebastian de Guipuzcoa, escrita por ella misma*. Conforme Rose (2018), essa versão é menor que a versão de Madrid, o que revela que alterações foram feitas, não apenas na dimensão, mas nos nomes de cidades, porque, segundo o próprio Ferrer (1829), em seu prefácio, o copista provavelmente equivocou-se, de modo que ele os alterou – ele questiona, inclusive, se o sobrenome

3 Para Venuti (2008), a definição de “fluência” é histórica, visto que depende de épocas, culturas e contextos para que determinada estratégia seja tomada como fluente.

4 Memorial de los méritos y servicios del Alférez Erauso, localizado no Arquivo Geral das Índias de Sevilha, e incluído na edição de Ferrer como provas da existência de Erauso. Esses documentos foram traduzidos ao português no Apêndice do livro.

“Erauso” não foi alterado pelo copista. No entanto, enquanto julgava estar corrigindo erros, há quem considere que ele os estava criando (Vallbona, 1992, *apud* Rose, 2018).

A segunda versão disponível em Madrid tem como título *Vida i sucesos de la monja alferez, Autobiografía atribuida a Doña Catalina de Erauso*, editada por Rima de Vallbona. Rose demonstra que tal versão foi transcrita da versão de Madrid e seu título confirmaria a autoria de Erauso.

Já as versões encontradas em Sevilha, na década de 1990, por Pedro Rubio Merino, na Catedral Santa Igreja de Sevilha, foram publicadas com o título *La Monja Alferez: Doña Catalina de Erauso, Dos Manuscritos inéditos de su autobiografía conservados en el Archivo de la Santa Iglesia Catedral de Sevilla*. Merino acredita – e Rose corrobora – que ambas as cópias foram transcritas pelo mesmo copista, embora haja algumas variações. Dessa forma, afirma Rose:

A complicada história textual das memórias torna difícil chegar a qualquer conclusão definitiva sobre o texto e espelha a dificuldade de tirar conclusões definitivas sobre a identidade encontrada nele. E o fato de essa identidade ser difícil de definir é causado pelos vários manuscritos: o uso de gênero não é apenas inconsistente nos textos, mas também entre os textos. (2018, p. 61, tradução nossa, grifo no original).

Considerando, a seguir, a análise sobre o gênero quanto às marcações, Rose faz um mapeamento das versões existentes consideradas manuscritos (veja Tabela 1).

Utilizamos, como texto de partida, a versão disponibilizada no site do Instituto Cervantes⁵, com prefácio do poeta franco-cubano José M. de Heredia, publicada em 1894 – que remonta à

edição da Biblioteca Nacional do Perú, de 1988 e digitalizada em 2001. Embora não conste a informação como paratexto, por comparações das notas de rodapé e dos apêndices, vemos que é baseada na edição de Ferrer. A versão apresenta um prefácio que situa a edição como noventa e cinco e alinhada à matriz heteronormativa do contexto.

A partir da versão utilizada como texto fonte, atualizamos a tabela de Rose, de modo a comparar os usos do feminino e do masculino (Tabela 2).

Percebemos que a contagem no texto fonte e a de Ferrer são parecidas, embora não coincidam, visto que o feminino se aproxima, mas o masculino é discrepante. Assim, vemos as modificações de edição a edição, mesmo quando, na premissa, se trate do mesmo texto. Tal fato corrobora a viagem da obra e as manipulações da identidade de Erauso. É válido mencionar que, no Apêndice, a tabela será pormenorizada considerando nossa tradução, para justificar algumas das escolhas tradutórias do gênero, já que, na tradução para o português brasileiro, aparecerão 22 marcações no feminino e 120 no masculino.

Tabela 1. Gênero nas versões consultadas por Emily Rose

Manuscrito	Marcadores femininos	Marcadores masculinos
Madrid: Ferrer	22	87
Madrid: Vallbona	33	76
Sevilha: M-1	40	36
Sevilha: M-2	16	48

Fonte: Rose (2018, p. 70, tradução nossa).

Tabela 2. Gêneros na edição consultada para a tradução ao português

	Marcacões no feminino	Marcacões no masculino
José M. de Heredia	24	113

5 O texto pode ser consultado no link: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-de-la-monja-alferez/html/ff38d5be-82b1-11df-acc7-002185ce6064_10.html#I_2_ Acesso em: 20 mar. 2022.

4. Construindo o corpo do projeto

Sobre a autoria ter sido creditada a Antonio de Erauso, como recuperado desde a introdução, julgamos necessário atualizar o título dado por editores do século XIX, por não condizer com a identidade assumida pelo viajante. Considerando estratégias tradutórias, sabemos que a matriz heteronormativa costuma ser afirmada no apagamento do *queer* pela heteronormatização da linguagem, e contribuiríamos com essa lógica ao afirmar o nome de batismo de Erauso. Diante disso, de acordo com Marc Demónt (2018), há ao menos três formas de traduzir o elemento *queer*, sendo uma delas pelo reconhecimento equivocado – *misrecognizing* –, quando se ignora e traduz tal elemento a partir da perspectiva dominante heteronormativa que apaga aspectos subversivos. Essa estratégia é comum em publicações *mainstream*, porque

Mesmo quando o conteúdo homoerótico de textos *queer* não é completamente censurado [...], é frequentemente perdido na tradução devido a problemas como o privilégio de elementos heteronormativos e construções frasais que retirem o elemento *queer* para aumentar fluência, ou uma simples falta de cuidado na leitura causada pela matriz heteronormativa. (Lewis, 2010, p. 3, tradução nossa).

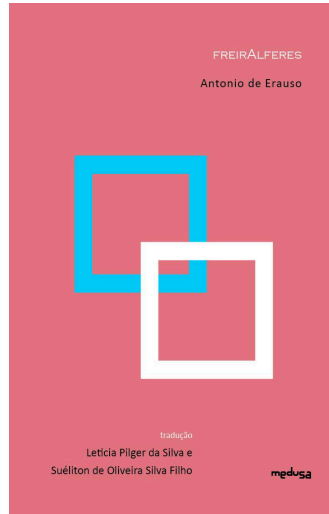
Em contrapartida, não pretendíamos apagar qualquer dado que, teoricamente, possa ter sido inserido por Erauso. Assim, optamos pela substituição comentada: “*FreirAlferes*: transformando Antonio de Erauso”. Por mais moderno-concretista que tal escolha possa parecer, enxergávamos, desde nossas leituras iniciais, um visível processo de formação. Não tendo nascido Antonio, transforma-se em Antonio. Nosso título, dessa forma, sinaliza ao leitor como o texto deve ser abordado, afinal, como defende Mazzei (2007, p. 13, tradução nossa), “não se deve apenas ler ‘entre as linhas’, mas também ‘entre os corpos’”.

Sabemos que, ainda como Catalina, foi encarcerado num convento. No entanto, assegurar

que era uma freira é um erro de leitura, pois Erauso afirma, no primeiro capítulo – e reitera no capítulo XXI –, ter fugido do convento no ano em que faria seus votos. Assim, ele quase foi freira, mas tal evento foi interrompido a partir de uma ação pessoal, chegando a se tornar soldado. Ele assume o papel “religioso” apenas quando lhe convém, para escapar da pena de morte. Dito isto, com o substantivo incompleto no título – ele é interrompido em “freir...” –, o processo de formação em “alferes” inicia com a transição de gênero – entendida como ponto de partida, uma vez que Antonio passa por alguns anos de aventuras antes de ingressar na vida militar, além de entender que o termo pode ser considerado anacrônico por ser do nosso tempo. Já que afirmamos que Erauso era um homem trans – conceito inexistente na época, embora, conforme Esteban (2006) e Perry (1990), houvesse distinções de gênero colocadas sobre o sexo e o conceito fosse mais relacionado à hierarquia social⁶ –, propomos uma atualização crítica.

Julgávamos importante, também, que a capa condissesse com o conteúdo e participasse da mediação da leitura. Publicada pela Medusa, *FreirAlferes* é uma das obras a constituir a “coleção Babel”, selo de traduções ao português brasileiro da editora em questão. O projeto gráfico da coleção, desenvolvido por Eliana Borges era padronizado: uma cor uniforme ao fundo e, no centro da capa, dois quadrados sobrepostos, de tonalidades diferentes, representando os textos de partida e de chegada. Logo pensamos que as cores da capa da nossa tradução poderiam ser as da bandeira do movimento transgênero: rosa, azul e branco, e assim o fizemos (Figura 1). Dessa forma, a capa já auxilia na compreensão do projeto tradutório enquanto uma atualização crítica do texto.

6 É importante ressaltarmos que o êxito de Erauso não era democrático, porque Eleno de Céspedes, apesar de receber autorização para ser um médico, foi queimado pela Inquisição por bigamia e intersexo. (Esteban, 2006).

Figura 1. Capa de FreirAlferes (Eliana Borges, 2021).

Para chegarmos ao formato publicado, realizamos uma tradução coletiva, estratégia apontada por Campos (2006) como a solução para a tradução criativa ou de textos antigos – ambas as situações se inserem no projeto aqui analisado, pois remete a um texto do Século de Ouro espanhol.

A metodologia usada para a tradução corresponde a (esquematizado na Figura 2): primeiro, realizou-se a leitura da obra e uma pesquisa sobre seu contexto. Em seguida, cada tradutor realizou sua versão, capítulo a capítulo, para, em reuniões semanais, serem comparadas e discutidas as escolhas tradutórias. Com isso, criou-se uma terceira versão, construída a partir do diálogo e da sobreposição das versões individuais. Depois de a terceira versão ser

finalizada pelos tradutores, o material foi revisado pela professora doutora Nylcéa Pedra, que fez apontamentos e revisões. Mais uma vez, o texto voltou aos tradutores e moldou-se uma quarta versão.

Nosso projeto tradutório ainda acrescenta dois paratextos em torno da figura de Antonio de Erauso: um texto de apresentação da professora doutora Isabel Jasinski, especialista em literatura hispano-americana, sobre a importância da obra; e um prefácio no qual apresentamos politicamente o projeto e nossas escolhas tradutórias. Diante disso, é importante explicitar que, diferentemente do texto traduzido, esses “paratextos adicionais” indicavam uma finalidade prática, que expandia o texto e a experiência de leitura.

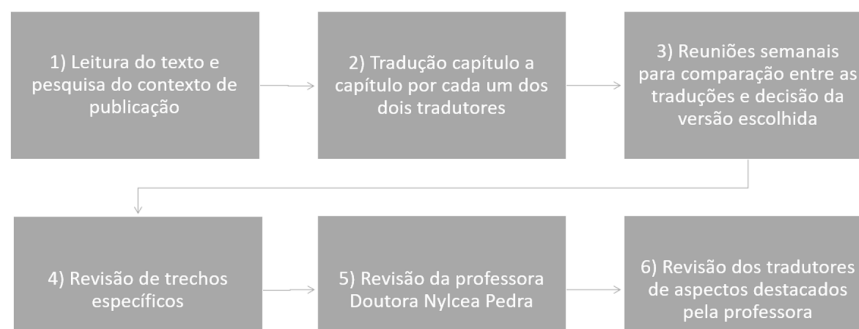
Figura 2. Processo tradutório.

Figura 3. Retrato de Gabriel Kleinke



Figura 4. Retrato de Alphonse-León Noël



Figura 5. Retrato de Juan van der Hamen y Gómez de León



Outro paratexto foi a atualização do retrato de Antonio de Erauso, realizada por Gabriel Kleinke (Figura 3)⁷. Para isso, Kleinke usou

7 Além de ilustrar a orelha esquerda do *Freir. Alferes*, a atualização de Kleinke foi vendida à parte, na pré-venda iniciada antes de enviarmos a tradução para a gráfica. Ressaltamos que esse apoio do público-leitor foi determinante para *Freir. Alferes* ser lançado tão rapidamente, e que, além dele, contamos com o Edital de Fomento para a publicação de livros, lançado pela Universidade Federal do

como base uma obra de 1833 (Figura 4), de Alphonse-León Noël, que, por sua vez, se baseou no retrato pintado em 1626 (Figura 5), por Juan van der Hamen y Gómez de León – usada como abertura da exposição espanhola

Paraná, que possibilitou a impressão de mais 30 exemplares, doados para bibliotecas da UFPR, assim como para as de outras instituições de ensino superior brasileiras e bibliotecas públicas. Também é importante marcar que o pagamento de Kleinke entrou nos custos da publicação.

Trans. diversidad de identidades y roles de género, no Museu da América, em 2017, com curadoria de Andrés Gutiérrez Usillos.

A ideia da atualização do retrato dialoga com nosso projeto tradutório. O retrato de Kleinke é uma atualização de uma das imagens de Erauso, porque, quando comparamos os contornos, percebemos que os estilos são diferentes, mas seguem a mesma base. São, portanto, uma sobreposição de épocas e possibilidades de ver a mesma figura histórica. Nossa tradução pretende-se, como já mencionamos, uma atualização do texto a partir do aparato teórico atual, isto é, adicionando camadas de leitura nos paratextos – ou colocando o gênero em determinadas palavras –, de modo que nossa tradução se propõe um palimpsesto: “o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura do ‘mesmo’ texto” (Arrojo, 1985, p. 20). Com isso, ao invés de manter uma suposta originalidade ou verdade do texto de partida, a tradução passa a ser uma “uma atividade produtora, através da qual o texto se realiza e atualiza” (Arrojo, 1985, p. 20).

É interessante pensar que a prática da tradução enquanto palimpsesto-reescritura cria uma relação crítica, já que, ao evocar os discursos do entorno do texto de partida na sua viagem ao novo contexto, “toda tradução envolve um comentário crítico e uma reavaliação do texto original (sic)” (Buendía, 1999, p. 197, tradução nossa).

Com essa abordagem, a tradução de um texto antigo como o que trabalhamos permite, então, que seja representado e repensado o passado no aqui e no agora, mas também que tanto passado quanto presente apontem para um futuro (Bancroft, 2020), no sentido da representação de novas formas de viver, escrever e traduzir. Dessa forma, nossa tradução, em todo o seu projeto editorial, carrega o contexto de leitura crítica construída ao longo do tempo nos estudos *queer* de modo a atualizar a leitura

da identidade de Erauso, ou, ainda, propor um novo texto.

Nesse sentido, precisamos comentar que, embora haja a intenção de ser uma atualização crítica, realizamos escolhas tradutórias que fossem próximas ao texto, contra uma perspectiva domesticadora (Venuti, 2008; 2019), cotejando as palavras para que o leitor brasileiro de hoje sinta a distância temporal da narrativa do século xvii na Espanha. Para isso, escolhemos, por exemplo, manter os nomes dos locais em espanhol ao invés de transpô-los ao português.

Parte de Cádiz a Sevilla; de Sevilla a Madrid, a Pamplona y a Roma; pero habiendo sido robada en el Piamonte... (Erauso, 1894).

Parte de Cádiz para Sevilla; de Sevilla para Madrid, Pamplona e Roma; mas, ao ser roubada no Piamonte... (Erauso, 2021, p. 99).

Bem como as inversões sintáticas:

Yo puse luego por obra lo que me mandó y fui descargando la hacienda por sus números, y por ellos fui la remitiendo (Erauso, 1894).

Comecei logo a fazer a tarefa que me mandou e fui descarregando as mercadorias de acordo com seus números e as enviando (Erauso, 2021, p. 31).

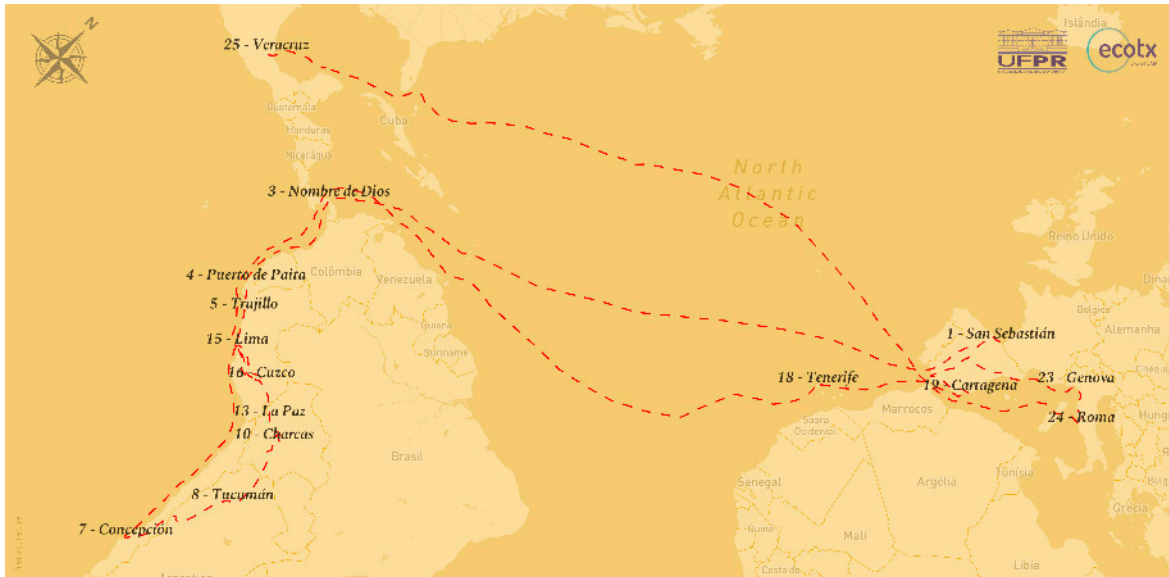
Da mesma forma, o uso de pontos e vírgulas, muito marcado no texto:

Volví en mí llamando a San José; tuve para todo grandes asistencias, que provee Dios en la necesidad; fuéronse pasando los tres días; luego, los cinco, y concibiéronse esperanzas (Erauso, 1894).

Voltei a mim chamando por São José; tive, para tudo, grande ajuda, enviada por Deus em momentos de necessidade; foram se passando três dias; logo, cinco, e as esperanças foram aumentando (Erauso, 2021, p. 83).

E o excesso de conjunções aditivas “e” – embora o texto fonte apresente ainda mais conjunções aditivas, o efeito segue semelhante:

Figura 6. Mapa virtual.



Tomó la lista de la gente, fue pasando y preguntando a cada uno su nombre y patria, y llegando a mí y oyendo mi nombre y patria, soltó la pluma y me abrazó y fue haciendo preguntas por su padre, y su madre, y hermanos, y por su querida Catalina, la monja (Erauso, 1894).

Pegou a lista de pessoas, foi passando e perguntando a cada um seu nome e pátria e, ao chegar a mim e ouvir o meu nome e minha pátria, soltou a pena, me abraçou e foi me fazendo perguntas sobre o seu pai, sua mãe e irmãos, e sobre sua querida Catalina, a freira (Erauso, 2021, p. 40).

o português sobre uma situação que ocorreu naquele ponto do percurso. Estão marcados em números sequenciais, para que o visitante/ leitor possa viajar junto com Erauso, ao ler em ambas as línguas – comparando-as – e ao ver a dimensão espacial percorrida pelo personagem durante sua viagem.

Isso causa um estranhamento na estrutura, o que historiciza o texto e explicita o deslocamento espacial de Erauso na leitura.

Um último paratexto foi a confecção de um mapa virtual interativo⁸ que seria disponibilizado no dia do lançamento da obra. Desenvolvido por Paulo Renato Reche Bezerra – que nos doou seu trabalho –, o mapa (Figura 6) apresenta os lugares por onde Erauso passou e, nesses pontos específicos, há a inserção de um trecho do texto de partida e sua tradução para

Realizamos o lançamento do livro virtualmente no Canal do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPR⁹, com uma conversa entre os tradutores e as pesquisadoras Amara Moira, travesti responsável por pesquisas de literatura e representação trans e autora de livros que contemplam a temática; e Emanuela Siqueira, doutoranda em tradução pela UFPR e uma das tradutoras do livro *Bash back: ultraviolência queer* (2020), no qual é usada a linguagem neutra na língua portuguesa.

5. Traduzindo o gênero

Ancorados em saberes consolidados em nossa cultura, o projeto objetivava revisar a leitura

8 Acesso livre ao mapa no site: <https://renatoreche.com/freiralferes>.

9 A gravação do evento pode ser acessada no link: Lançamento de *Freir.Alferes*, de Antonio de Erauso - YouTube. Último acesso: 10 mai. 2022.

histórica (Traverso, 2007) feita da identidade de Erauso, de modo que pensamos nas várias formas de traduzir o gênero. Longe de uma adequação para atender supostas necessidades, enxergamos na autobiografia não uma gênese para o que conhecemos como transexualidade, senão a história de um indivíduo que, reinterpretada com o auxílio dos estudos contemporâneos (Butler, 2016; Baer, 2021), questiona até que ponto as vivências de gênero e sexualidade do período poderiam ser reordenadas, considerando diferenças entre o território latino-americano da época, mais diverso, e o europeu, moldado pela religião católica (Usillos, 2017). Para isso, reforçamos não ser possível afirmar com segurança se a flexão de gênero é escolha de Erauso ou correção de copistas, de forma que é complexo definir qualquer especulação sobre a identidade de Erauso. Inicialmente, pensamos em apagar os usos no feminino, de forma semelhante à estratégia de Rose (2018), que se refere a Erauso com os pronomes neutros do inglês “ze” e “hir” para marcar a indecibilidade de sua identidade. Mendieta (2019, p. 231, tradução nossa) também defende que Erauso habitava uma fluidez de gênero ao negar categorizações: “Catalina coloca-se fora de oposições binárias de preferência de gênero e sexual (masculino/feminino, homossexual/heterossexual), mas nela também desaparece o nacional tradicional e fronteiras ocupacionais (Europa/América; espanhol/basco; armas/letras).”

Contudo, após pesquisas, discordamos de tal leitura por pensarmos que fazer tal alteração apagaria os caminhos percorridos pelo texto e o seu caráter de documento histórico, assim como a força de Erauso para afirmar sua masculinidade perante o rei espanhol e o papa. Defendemos que Erauso se identificava como “homem”, mesmo quando consideramos a informação, já mencionada, presente no prefácio de Heredia sobre o relato de Pedro del Valle, que afirmou Erauso ter lhe contado – após ser reinserido socialmente, contra a sua vontade, no papel de Catalina – que usou um remédio para tirar seus seios:

Alta e forte, de aparência masculina, não possui mais peito que uma menina. Contou-me que havia empregado não sei qual remédio para fazê-los desaparecer. Foi, acredito, um emplastro receitado por um italiano; o efeito foi doloroso, mas realizou seu desejo (Heredia, 1894, tradução nossa).

Nesse sentido, muito além de uma pretensa fidelidade, nossa escolha tradutória foi intervir minimamente no texto, de modo a manter as marcas gramaticais de gêneros conforme apareciam para analisarmos as implicações de cada um dos usos. Voltamos, com isso, às estratégias de tradução (Demónt, 2018) citadas na seção anterior, sendo a segunda delas a tradução tida como minoritária — *minoriting translation* –, quando o texto é simplificado para a política identitária ser afirmada, o que reduz as possibilidades de forma unidimensional e retira os elementos conotativos e ambíguos importantes na construção de sentidos. Diante disso, nossa prática tradutória está mais alinhada à *queering translation*, que não inscreve o texto em uma perspectiva dominante, nem o simplifica, mantendo suas sequências conotativas. Essa abordagem, conforme Pinheiro (2021), dialoga com o conceito de estrangeirização, por marcar os elementos que fogem da matriz heteronormativa e subverter a homogeneização na tradução do gênero. Da mesma forma, Demónt (2018) propõe que uma abordagem *queer* na tradução resiste à dominação e à apropriação dos sentidos ao preservar conotações e ambiguidades que mantêm diversas possibilidades do texto na língua alvo. Conservando as ambiguidades do material, utilizamos os paratextos para discutir tais questões, alteramos o título e a autoria, escrevemos nosso prefácio, situando a obra em seu contexto de partida, e reescrevemos as notas de rodapé da versão consultada, o que é reafirmado por Lewis (2010) ao entender que a tradução *queer*, enquanto área em construção, adota estratégias da tradução feminista: a complementação, a escrita de paratextos e o *hijacking*. Quando se usa a complementação, quem traduz insere termos ou expressões por causa das diferenças entre as línguas. Já a

escrita de prefácios e notas é usada para realizar críticas e comentários sobre as escolhas tradutórias – como fizemos em nosso projeto, e não apenas com questões relacionadas ao *queer* –, ou para evidenciar o conteúdo *queer*, de forma a mediar a leitura e a preparar quem lê. Baer (2021) apresenta a nota de rodapé em projetos *queer* como uma forma de propor um “desconforto” na leitura, considerando que convidará quem lê a pensar sobre determinadas escolhas de palavras ou compreender o contexto.

Justificando nossas escolhas pelas diversas camadas de sentido, começamos recuperando as notas dos tradutores para o inglês, Michele Stepto e Gabriel Stepto:

Há diversos desafios para o tradutor que se renda a verter as memórias de Catalina ao inglês. Pelo menos um é insuperável: não há nenhum equivalente em inglês para as flexões de gênero do adjetivo espanhol, o que marca uma primária notação gramatical de gênero em praticamente cada sentença, de modo a configurar uma marca de autoidentificação sexual que reverbera de um pedaço ao outro do texto. O fato de Catalina quase invariavelmente usar desinências masculinas para descrever a si mesma é perdido no inglês, assim como nos raros momentos em que ela escolhe uma desinência feminina (Stepto, 1996, p. xvi, tradução nossa).

Mesmo sinalizando a dificuldade de manter a ambiguidade de gênero, percebemos a escolha consciente dos tradutores em manter a identidade feminina, com a inserção dos pronomes “she” e “her” quando não havia marcação, a exemplificar pelos subtítulos, como

Parte del Cuzco para Guamanga. Pasa por el puente de Andahuailas y Guancavélica (Erauso, 1894).	She leaves Cuzco for Guamanga, crossing the bridge near Andahuailas, and passing through Guancavélica (Erauso, 1996).
---	---

o que revela a estrutura diferente das línguas, porque o inglês demanda sujeito marcado, diferente do português e do espanhol. Essa

estratégia de manter o gênero é uma reafirmação da leitura crítica feita até então. Tal escolha também pode ser vista por uma leitura feminista, já que marca a imagem da mulher aventureira, como Erauso foi lido até aquele momento.

Considerando o contexto em que a tradução dos Steptos foi publicada, talvez fosse demais esperar uma tradução não sexista, embora o prefácio feito pelos tradutores revele certo caráter progressista. A partir disso, poderíamos pensar em escolhas que dialoguem com os debates de gênero na tradução para o inglês hoje: usar “They/them”; marcar a identidade de gênero como homem com os pronomes “he/him”, tendo em vista o nome escolhido no final da vida por Erauso; ou, como defende Rose, deixar na fluidez de “ze/hir”? Cada escolha apresenta uma política e traduz uma leitura desse texto que, por si só, é variado em sua forma. Cada possibilidade tem seus ganhos e perdas e dialoga com o contexto em que a obra foi traduzida.

Nos trechos sem gênero no espanhol, como no caso dos pronomes “le” ou “me”, decidimos marcar o masculino, de modo a preencher a identidade defendida pelo autor. Por exemplo, no subtítulo do capítulo xvii, temos “Pasa a Lima. De allí sale contra los holandeses. Piérdese y acógese a su armada. Échanle a la costa de Paita, y desde allí vuelve a Lima” (Erauso, 1894), traduzido para: “Vai para Lima. Ali enfrenta os holandeses. Perde-se e sua armada é acolhida. *Jogam-no* na costa de Paita e de lá retorna a Lima” (Erauso, 2021, p. 78, grifo nosso). No mesmo capítulo, consta no material consultado: “andúveme en él unos pocos días, tratándome de partir para el Cuzco” (Erauso, 1894), ao que traduzimos: “montei nele por alguns poucos dias, *decidido* a voltar para Cuzco” (Erauso, 2021, p. 79, grifo nosso); ou ainda: “Rodeáronme ministros” (Erauso, 1894), sendo traduzido: “*Fui rodeado* por ministros” (Erauso, 2021, p. 79, grifo nosso), visto considerarmos incômodo usar “lhe” ou “me” também por apagar a identidade de Erauso, que costuma usar o masculino para referir-se a si mesmo.

Essa decisão preservou a incongruência do capítulo em questão porque as partes em que aparece a marcação de gênero¹⁰ no texto de partida estão tanto no masculino quanto no feminino – apesar de não haver qualquer explicação para que a marcação no feminino ocorra nessa altura do relato. Enquanto no segundo parágrafo do capítulo, temos:

sin que pudiesen escapar más que tres hombres, que nadando nos acogimos a un navío enemigo, que nos recogió. Éramos: yo, un fraile franciscano descalzo y un soldado (Erauso, 1894).	sem que pudessem escapar mais de três homens que, nadando, conseguimos chegar a um navio inimigo que nos resgatou. Éramos: eu, um frei franciscano descalço e um soldado (Erauso, 2021, p. 78, grifo nosso).
--	--

No seguinte os adjetivos passam ao feminino:

Yo, cogida de repente, no sabía qué decir; vacilante y confusa, parecía delincuente (Erauso, 1894).	Abruptamente sorprendida, eu não sabia o que dizer. Hesitante e confusa, parecia delincuente (Erauso, 2021, p. 79, grifo nosso).
---	--

No capítulo xvii de *FreirAlferes*, assim, constam sete marcações de gênero, sendo duas no feminino e cinco no masculino. A diferença com o texto de partida é que, embora seja preservada a ambiguidade, na tradução foram acrescentadas três no masculino.

Embora tais flexões possam ser usadas para se defender uma fluidez de gênero, pelo uso intercambiável entre “ele” e “ela”, pensamos no caráter picaresco de Erauso, que tenta enganar a todos no seu caminho. Assim, é possível que, diferentemente do que pensam depois

10 É importante frisar que a decisão da não alteração do gênero (quando explicitado) foi mantida inclusive nos subtítulos, que, como dito, não foram escritos por Erauso. Assim que o subtítulo do capítulo xviii: “Mata en el Cuzco al nuevo Cid, quedando herida” (Erauso, 1894), foi traduzido: “Em Cuzco mata o novo Cid, ficando ferida” (Erauso, 2021, p. 81, grifo nosso).

da revelação, a grande mentira de Erauso foi assumir o feminino quando seria condenado à morte após assassinar um importante homem. Em outras palavras, Erauso assume tal identidade apenas para se safar, além de simular uma passividade nos momentos em que se coloca no feminino por supostamente entender que esse era o código do contexto, já que nas demais situações defende sua bravura.

Mais do que isso, considerando o que Butler (2002) fala sobre traços que se apresentam na superfície (camada exterior) e o que ocorre no íntimo (psique), podemos compreender com maior clareza que Erauso não possuía necessariamente consciência e domínio das hipotéticas escolhas. Tanto que, sendo o exterior – passa a se vestir com roupas masculinas – condizente com o que de antemão sentia interiormente¹¹, mesmo após ser revelado o sexo biológico e ser socialmente conhecido como “freira alferes”, há urgência de permanecer com as roupas masculinas e de continuar se chamando Antonio. Isso reforça a premissa de que os

11 Esse sentimento pode ser verificado em diversas passagens tanto da autobiografia, em que faz referência a si mesmo como homem: “pero cargó sobre nuestra almiranta de forma que la echó a pique, sin que pudiesen escapar más que tres hombres, que nadando nos acogimos a un navío enemigo, que nos recogió. Éramos: yo, un fraile franciscano descalzo y un soldado” (Erauso, 1984); “mas a nossa almiranta foi a pique, sem que pudessem escapar mais de três homens que, nadando, conseguimos chegar a um navio inimigo que nos resgatou. Éramos: eu, um frei franciscano descalço e um soldado” (Erauso, 2021, p. 78), quanto em relatos de conhecidos, como aparecem em notas finais: “e apaixonou-se na viagem de Veracruz a México de uma dama a quem os pais haviam encarregado que viajasse acompanhada, cientes de que dona Catalina era mulher, ainda que se vestisse como homem; aquela paixão causou grandes infortúnios, e estive a ponto de duelar com o homem com quem a dama se casou. Dona Catalina o desafiou em uma carta; mas algumas pessoas importantes conseguiram impedir o confronto.” (Erauso, 1894, tradução nossa).

acontecimentos precedem a sua categorização – indivíduos transgênero não passam a existir somente após a classificação e estudo do termo. O movimento é justo o contrário. Sendo observada a presença de tais indivíduos ao longo da história, surge a necessidade de compreensão e, com isso, identificação. Uma tradução que desconsidera essa oscilação entre gêneros em um texto como o trabalhado aqui faz com que esse entendimento seja perdido, como ocorre com a versão em inglês, visto a marcação de gênero ser apagada, sendo, assim, retirada uma camada de sentido para a pesquisa, já que o leitor do inglês não pode ver a incongruência textual e uma possível mudança de identidade:

Rodeáronme ministros, y dijo el alcalde: «¿Qué hemos de hacer en esto?» Yo, cogida de repente, no sabía qué decir; vacilante y confusa, parecía delincuente, cuando se me ocurre de pronto quitarme la capa y tapele con ella la cabeza al caballo (Erauso, 1894).

The deputies surrounded me and the mayor said, "Well, what do we have here?" The whole thing was so sudden that I didn't know what to say, and there I stood, confounded and stammering, the very picture of guilt, when it suddenly occurred to me to take off my cloak and throw it over the horse's head (Erauso, 1996, p. 53).

Outra alteração foi realizada na primeira frase do texto traduzido, em que temos, na edição consultada, "Nací yo, doña Catalina de Erauso", enquanto na edição física de 1829 não há vírgula. Tal inconsistência no uso da vírgula nos leva a pensar sobre a identidade de Erauso e a afirmação de um nome, porque o sinal de pontuação faz com que "Catalina de Erauso" seja o nome do sujeito que fala, enquanto sua ausência pode ser lida como afirmação de uma mudança: Erauso nasceu com aquele nome, mas o deixou ao longo da vida. Decidimos, então, pela sua retirada. Assim, o verbo que inicia o relato no pretérito perfeito do indicativo retoma mais do que um fato passado, uma identidade deixada. Inclusive, antes de ser Antonio, nome escolhido por último para viver no México, Erauso foi muitos homens e apenas com o "ele" se pode ter acesso à sua identidade. Já

no desfecho do primeiro capítulo, após relatar ter adotado o nome "Francisco Loyola", começam a aparecer adjetivos no masculino:

Entré en Estella, donde me acomodé por paje de don Carlos de Arellano, del hábito de Santiago, en cuya casa y servicio estuve dos años, bien tratado y bien vestido (Erauso, 1894).

Entrei em Estella, onde fui acolhido como criado de dom Carlos de Arellano, da ordem de Santiago, em cuja casa e serviço permaneci por dois anos, bem tratado e bem vestido (Erauso, 2021, p. 27, grifos nossos).

Também podemos colocar em perspectiva o último capítulo, que nos ajuda a pensar a negação da identidade feminina, assim como o apagamento dos gêneros. Além de Erauso afirmar sua masculinidade, a presença do feminino concorda com a visão que a sociedade tem dele, conforme as regras de gênero da época. Já em Roma, depois de ser deportado, receber a pensão do imperador e a autorização papal, Erauso é interpelado por moças que o chamam de "Catalina":

En Nápoles, un día, paseándome en el muelle, reparé en las risotadas de dos damiselas que parlaban con dos mozos. Me miraban, y mirándolas, me dijo una: «Señora Catalina, ¿adónde se camina?» Respondí: «Señoras p..., a darles a ustedes cien pescozones y cien cuchilladas a quien las quiera defender.» Callaron y se fueron de allí (Erauso, 1894).

Certo dia, em Nápoles, enquanto caminhava pelo cais, reparei nas risadas de duas moçoilas que conversavam com dois rapazes. Olhavam para mim e, quando eu devolvi o olhar, uma delas me disse: "Senhora Catalina, para onde caminha?" Respondi: "Senhoras p..., ando em direção a golpear-las com cem murros e cem facadas em quem se dispuser a defendê-las". Calaram-se e foram embora dali (Erauso, 2021, p. 106).

Esse final do relato revela muito sobre o processo de transformação, porque, mesmo declarando ter nascido mulher, perpassa a narrativa afirmando sua masculinidade, até por práticas violentas, como no trecho em que assume ter matado uma infinidade de indígenas – o

que também faz da autobiografia um testemunho da violência infligida sobre os povos originários.

Também é possível analisar o reconhecimento público da masculinidade de Erauso quando, em Roma, é convidado por aristocratas e afirma “por orden particular y encargo del Senado romano, y me asentaron en un libro por ciudadano romano.” (Erauso, 1894) [fui convidado e apresentado por uns senhores, por ordem privada e encargo do Senado romano, e me registraram num livro como cidadão da cidade. (Erauso, 2021, p. 105)]. Trecho no qual, novamente, é necessário mencionar a inconsistência entre versões, porque, como apontado por Rose, aparece o feminino em uma das versões de Sevilha: “me asentaron en un libro por ciudadana romana (Erauso, 1995, p. 91 *apud* Rose, 2018, p. 71).

Da mesma forma podemos abordar os documentos anexados para provar a sua existência, com testemunhos de conhecidos, como Dom José da Higuera y Lara, que diz: “resistiu, com particular coragem, aos desconfortos da milícia como o homem mais forte, sem que em nenhuma ação fosse reconhecida senão por tal, e por seus feitos veio a merecer ter bandeira de Vossa Majestade” (Erauso, 2021, p. 111). Em uma petição, vemos um documento assinado pelo próprio Antonio, com seu nome masculino, o que reafirma nossa escolha de afirmar tal identidade.

6. Considerações finais, ou o ponto de chegada que tenciona outros pontos de partida

Nossa tradução para *FreirAlferes* pretendeu revisar historicamente a leitura acerca da identidade de Antonio de Erauso. Mesmo com todos os percalços que se apresentaram – incluindo o fato de sermos cisgênero –, redobramos a atenção, de modo a agir de forma alinhada às teorias *Queer*. Um ponto central é a natureza do texto e sua localização histórica,

que acreditamos serem motivos capazes de fazer com que leitores ignorem o que está sendo expressado desde as páginas iniciais e, reproduzindo uma inadequação cristalizada, continuem se referindo a Antonio no feminino. Porém, isso não se explica apenas pelo momento histórico, visto que mesmo em textos contemporâneos essa leitura é observada. Pelo fato de a tradução ser costumeiramente interpretada como simples transposição de uma língua a outra, percebe-se certo despreço por teorias capazes de dirimir erros que vão sendo passados adiante – no caso do nosso projeto, os estudos *queer*, que auxiliaram para que a autoria fosse finalmente atribuída a Antonio de Erauso, assim como repensado o texto em sua viagem temporal.

Como também recuperado, na tentativa de rejuvenescimento do material e alinhados às nossas pesquisas, inicialmente pensamos no apagamento das marcações de gênero para quebrarmos o binarismo masculino/feminino e inscrevermos nosso posicionamento como tradutores. No entanto, isso seria, em nossa leitura, uma deturpação do material que estávamos traduzindo, uma vez que, tratando-se de autobiografia, alterações significativas no corpo do texto poderiam fazer com que ele perdesse o valor de relato e a tradução para o português brasileiro figurasse como uma ficionalização da trajetória do viajante. Mesmo sem tais alterações, reunindo todas as informações do documento em conformidade com o conhecimento de nosso tempo, é notório que Antonio de Erauso se encaixaria no que hoje chamamos homem trans. Também decidimos traduzir as marcações de gênero como se apresentavam no texto de partida, não por fidelidade, senão para marcar os caminhos percorridos pelo texto, que não apresenta um manuscrito original e é formado por reescrituras. Assim, nossa versão consiste em mais um palimpsesto, que se propõe uma tradução reparadora (Bancroft, 2020) ao reescrever sobre o texto uma nova perspectiva que contemple

nosso horizonte contemporâneo de leituras *queer*, seja no corpo do texto, ou no projeto editorial. Além de marcas em adjetivos e pronomes, como analisamos na última seção, nossas mãos tradutórias aparecem bastante marcadas nos paratextos, que inscrevem tanto o contexto quanto a viagem do texto para o leitor brasileiro de hoje. Dessa forma, a tradução como palimpsesto atualiza o passado do texto no presente e propõe que um novo futuro dessa figura histórica seja criado.

Esperamos ter demonstrado, igualmente, que a ordenação dessas informações que aparecem no texto de Erauso e em relatos de terceiros, recuperadas ao longo do artigo, confirmam que o que hoje entendemos identidade transgênero não foi usada por Antonio apenas como uma forma de melhor viver. Ao passar da posição de mulher para homem, consegue experimentar o que era permitido a cada gênero e, mesmo com todas as dificuldades, avaliar que ser senhor de si era bem menos ruim. Ao fazer a confissão na tentativa de escapar da pena de morte, volta a sentir a condição colocada às mulheres e, rapidamente, se percebe em domínio de terceiros – nesse caso, da igreja, que o retém por alguns anos até ser deportado para a Europa, onde se livra da execução.

Sabemos que o ponto de chegada dessa viagem, que com nosso projeto pode ser lida também na língua oficial do Brasil, é uma nova partida, posto termos recuperado uma obra que já realizou tantas viagens e contribuiu e seguirá contribuindo para os estudos de gênero. A história do alferes que quase foi freira em muito nos precede e certamente nos superará; que a viagem continue.

Agradecimentos

Agradecemos às professoras Nylcea T. S. Pedra e Isabel Jasinski, pelo suporte e pelos diálogos. A todos os que contribuíram para a publicação de *FreirAlferes*. Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, pelo Edital de Fomento. A CAPES, pelo aporte financeiro para a realização do projeto.

Referências

- Andrés, C. (2002). Historicidad, mito y teatralidad en el personaje de la Monja Alférez (según la comedia de Juan Pérez de Montalbán). In M. Lobato & F. Matito (Orgs.), *Memoria de la palabra* (pp. 251-262). Actas del VI Congreso de la Asociación Internacional Siglo de Oro. Verveut.
- Arrojo, R. (1985). A tradução como reescritura: o texto/palimpsesto e um novo conceito de fidelidade. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 5-6, 17-24.
- Baer, B. J. (2021). *Queer theory and translation studies: Language, politics, desire*. Routledge.
- Bancroft, C. (2020). *Queering modernist translation: The poetics of race, gender, and queerness*. Routledge.
- Barthes, R. (2004). A morte do autor. *O Rumor da Língua* (pp. 57-64). Martins Fontes.
- Bash Back (2020). *Bash back: ultraviolência queer*. N-1 Edições.
- Buendía, C. (1999). Translation as palimpsest. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*. (38), 195-205.
- Butler, J. (2002). *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Paidós.
- Butler, J. (2016). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Civilização Brasileira.
- Campos, H. (2006). *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. Perspectiva.
- Chamberlain (2005). Gênero e a metafórica da tradução. In P. Ottoni (Org.), *Tradução: a prática da diferença* (pp. 37-58). Trad. Norma Viscardi. Editora da UNICAMP.
- Erauso, A. (2021). *FreirAlferes: transformando Antonio de Erauso*. Trad. Leticia Pilger da Silva e Suéliton de Oliveira Silva Filho. Medusa.
- Erauso, A. (1894). *Historia de la monja alférez*. (Prefácio de José M. de Heredia). http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-de-la-monja-alferez/html/ff38d5be-82b1-11df-acc7-002185ce6064_10.html Acesso em: 12 jan. 2022.

- Erauso, A. (1829). *Historia de la Monja Alferez, doña Catalina de Erauso*. Comentários Joaquín María de Ferrer. libros.uchile.cl/70 Acesso: 10 jun. 2022.
- Erauso, A. (2000). *A freira alferes*. Trad. Jorge Fallorca. Editorial Teorema.
- Erauso, A. (1996). *Memoir of a Basque transvestite in the New World*. Trad. Michele Stepto e Gabriel Stepto. Beacon Press.
- Erauso, A. (1830). *Histoire de la monja-alferez, doña Catalina de Erauso: écrite par elle-Même*. Trad. L. V. Bossange Père Libraire.
- Erauso, A. (1991). *Storia della monaca alfiere scritta da lei medesima*. (Trad. Lucrezia Panunzio Cipriani). Sellerio Editore Palermo.
- Esteban, N. (2006). Género e identidad en la sociedad del siglo xvii. *Vasconia*, 35(1), 49-62.
- Demónt, M. (2018). On three models of translating queer literary texts. In B. J. Baer, K. Kaindl (Orgs.), *Queering translation, translating the Queer: Theory, practice, activism* (pp. 157-171). Routledge.
- Ferrer, J. M. (1829). Prólogo. In C. Erauso (1829). *Historia de la monja alferes, Doña Catalina de Erauso, escrita por ella misma* (pp. v-li). Julio Didot.
- García-Sánchez, S. (2015). De monja a conquistador, de mujer a hombre: los viajes de Catalina de Erauso. *Atenea*, 511(2), 63-80.
- Goldmark, M. (2015). Reading habits: Catalina de Erauso and the subjects of early modern Spanish gender and sexuality. *Colonial Latin America Review*, 24(2), 215-235.
- Harvey, K. (2000). Gay community, gay identity and the translated text. *TTR*, XIII(1), 137-168.
- Hodgson, B. (2003). *No place for a lady: tales of adventurous women travelers*. Douglas & McIntyre.
- Iser, W. (1996) *O ato da leitura* (Vol. 1). Editora 34.
- Lewis, E. S. (2010). 'This is my girlfriend, Linda': translating queer relationship in film: a case study of the subtitles for *Gia* and a proposal for developing the field of queer translation studies. *Translating queer/Queering translation. In Other Words*, 36, 3-22. British Centre for Literary Translation.
- Lotthammer, C. (1998). *La monja alferes: Die Autobiographie Der Catalina de Erauso in Ihrem Literarischen Und Gesellschaftlichen Kontext*. Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag Der Wissenschaften.
- Mazzei, C. (2007). *Queering Translation Studies*. (Dissertação de mestrado). University of Massachusetts Amherst, USA.
- Mendieta, E. (2009). *In Search of Catalina de Erauso: The national and sexual identity of the lieutenant nun*. Trad. Angeles Prado. University of Nevada.
- Mendieta, E. (2019). Catalina de Erauso – 'the lieutenant nun' – at the turn of the twenty-first century. In L. Hopkins, A. Norrie (Orgs.). *Women on the edge in early modern Europe* (pp. 227-246). Amsterdam University Press.
- Merrim, S. (1999). *Early Modern Women's Writing and Sor Juana Ines de la Cruz*. Vanderbilt University Press.
- Perry, M. E. (1990). *Gender and disorder in early modern Seville*. Princeton University Press.
- Pinheiro, F. (2021). Tradução queer: visibilidade como forma de resistência. *Fórum*, 34(1), 207-221.
- Robinson, D. (2019). *Transgender, Translation, Translingual Address*. Bloomsbury Academic.
- Rose, E. (2017). Revealing and concealing the masquerade of translation and gender. In B. J. Epstein & R. Gillett (Org.), *Queer in translation* (pp. 36-50). Routledge.
- Rose, E. (2018). *Translating Trans Identity: (Re)Reading and (Re)Writing Undecidable Texts and Bodies*. (Tese de Doutorado em Filosofia e Tradução Literária), University of East Anglia, Norwich.
- Rutter-Jensen, C. (2007). The Transatlantic transformation of the Lieutenant Nun. *Revista de Estudios Sociales*, 28, 86-95.
- Ruvalcaba, H. D. (2016). *Translating the Queer: body politics and transnational conversations*. Zed Books.

- Santaemilia, J. (2018). Sexuality and translation as intimate partners? Toward a queer turn in rewriting identities and desires. In Brian, B. J., Kaindl, K. (Orgs.), *Queering translation, translating the queer: theory, practice, activism* (pp. 11-25). Routledge.
- Stepo, M. (1996). Introduction. In C. Erauso. *Lieutenant nun*. (pp. xxv-xli). Beacon Press.
- Silva-Reis, D. (2021). “Traduções contra-cistema – uma política trans-identidades”. In *Semana do Tradutor – Mesa-redonda 5 – Tradução sob a perspectiva de grupos minoritários*. www.youtube.com/watch?v=kDK_5pIJGZY&ab_channel=SemanadoTradutorUnesp Acesso em: 12 jan. 2022.
- St. Andrés, J. (2010). Translation and metaphor: Setting the terms. St. André (Org.), *Thinking through translation with metaphors*. (pp. 275-294). St. Jerome Publishing.
- Traverso, A. (2007). Revisión y revisionismo. *El pasado. Instrucciones de uso. Historia, memoria, política*. Trad. Almudena G. Cuenca. Marcial Pons.
- Usillos, A. G. (2017). Transexualidad en la América indígena a través de las crónicas históricas: de la falta de comprensión de otras realidades a la transfobia. A. G. Usillos (Org.), *Trans* Diversidad de identidades y roles de género*. Museo de América.
- Venuti, L. (2019). *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, e Valéria Biondo. EDUSP.
- Venuti, L. (2008). *The translator 's invisibility*. Routledge.
- Velazco, S. (2000). *The lieutenant nun: transgenderism, lesbian desire, and Catalina de Erauso*. University of Texas Press.

Apêndice

Para fins de comparação, disponibilizamos uma tabela com a presença dos gêneros gramaticais e a transformação deles em nossa tradução, marcando os ganhos e as perdas tradutórias.

Tabela marcação de gênero				
Historia de la monja alférez			FreirAlférez	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
I	6	11	5	11
Ao traduzir "estaba mala" por "me sentia mal" houve, a perda de uma marcação no feminino.				
II	_____	2	_____	2
III	_____	5	_____	5
Embora o número de ocorrências tenha coincidido, "Llegado" foi traduzido por "Ao chegar".				
IV	_____	3	_____	2
Ao traduzir "por donde me llevaba asido" por "por onde ele me segurava", ocorreu uma perda.				
V	_____	4	_____	3
Traduzir "Partido de Trujillo" por "Parti de Trujillo" acarretou na perda de uma ocorrência.				
VI	2	15	2	15
VII	_____	11	_____	9
Uma das duas perdas está pela tradução de "preguntáronme adónde iba por allí tan apartado" por "perguntaram para onde eu ia por caminho tão remoto".				
VIII	_____	2	_____	2
IX	_____	_____	_____	_____
Aqui aparecem "partidos" e "llegados" que não entraram na contagem por estarem no plural (Erauso estar na companhia de outros homens).				
X	_____	3	_____	5
Traduzir "no haber lugar, por tanto, a darme tormento" por "de modo que eu não poderia ser torturado"; "y poner en el potro" por "para ser colocado no potro" acarretou em duas ocorrências adicionais no texto em português.				
XI	_____	2	_____	_____
Enquanto que a tradução de "advertido de mi amo" por "com o consentimento do meu senhor"; "Salido de este aprieto" por "Saindo desse aperto" ocasionou a perda de duas ocorrências.				
XII	_____	4	_____	6
Traduzir "quitar de la horca y llevar a la cárcel" por "tirassem da força, que eu fosse levado de volta para a prisão"; "y remitiome con guardas" por "e me mandou, acompanhado de guardas" acrescentou duas ocorrências.				
XIII	_____	12	_____	12
XIV	_____	_____	_____	_____
XV	_____	4	_____	4
XVI	_____	3	_____	5
Ao traduzir "me prendió el corregedor" por "fui preso pelo corregedor"; "con que salí libre" por "com o que fui liberto", somaram-se duas ocorrências na tradução.				
XVII	2	2	2	5
Esse se trata do capítulo controverso pelo fato de as ocorrências no feminino não estarem claras. Mesmo no capítulo do texto de partida Erauso se inclui entre homens (por exemplo, "tres hombres, que nadando nos acogimos (...) Éramos yo, un fraile franciscano descalzo y un soldado". Mais adiante, no mesmo capítulo, passará a aparecer no feminino ("cogida", "confusa").				

Tabela marcação de gênero (cont.)				
xviii	1	3	1	3
Ainda que tenhamos traduzido "confesarlo" por "tomar-lhe confissão", não perdemos uma ocorrência por "yo paraba" ter sido traduzido como "estava hospedado".				
xix	_____	5	_____	8
Há mais ocorrências por termos traduzido "usted", de um diálogo – uso formal –, por "senhor", já que em português o "você" não apresenta essa marca de formalidade.				
xx	6	10	6	11
xxi	4	_____	3	_____
Traduzir "acompañada" por "na companhia de" acarretou em uma perda.				
xxii	_____	_____	_____	_____
xxiii	2	1	2	1
xxiv	_____	_____	_____	_____
xxv	_____	11	_____	11
xxvi	1	_____	1	_____
Consideramos o fato de as moças se dirigirem a Erauso como "senhora Catalina". Ainda que ele revide, não há a marcação de gênero no masculino nesse capítulo que é bem curto.				

TOTAL			
<i>Historia de la monja alférez</i>		<i>FreirAlferes</i>	
Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
24	113	22	120

Como citar este artigo: Silva, L. P. & Silva, S. O. (2023). De freira a alferes, da Espanha à América: transformando Antonio de Erauso no português brasileiro contemporâneo. *Mutatis Mutandis, Revista Latinoamericana de Traducción*, 16(1), 109-131. <https://doi.org/10.17533/udea.mut/v16n1a07>